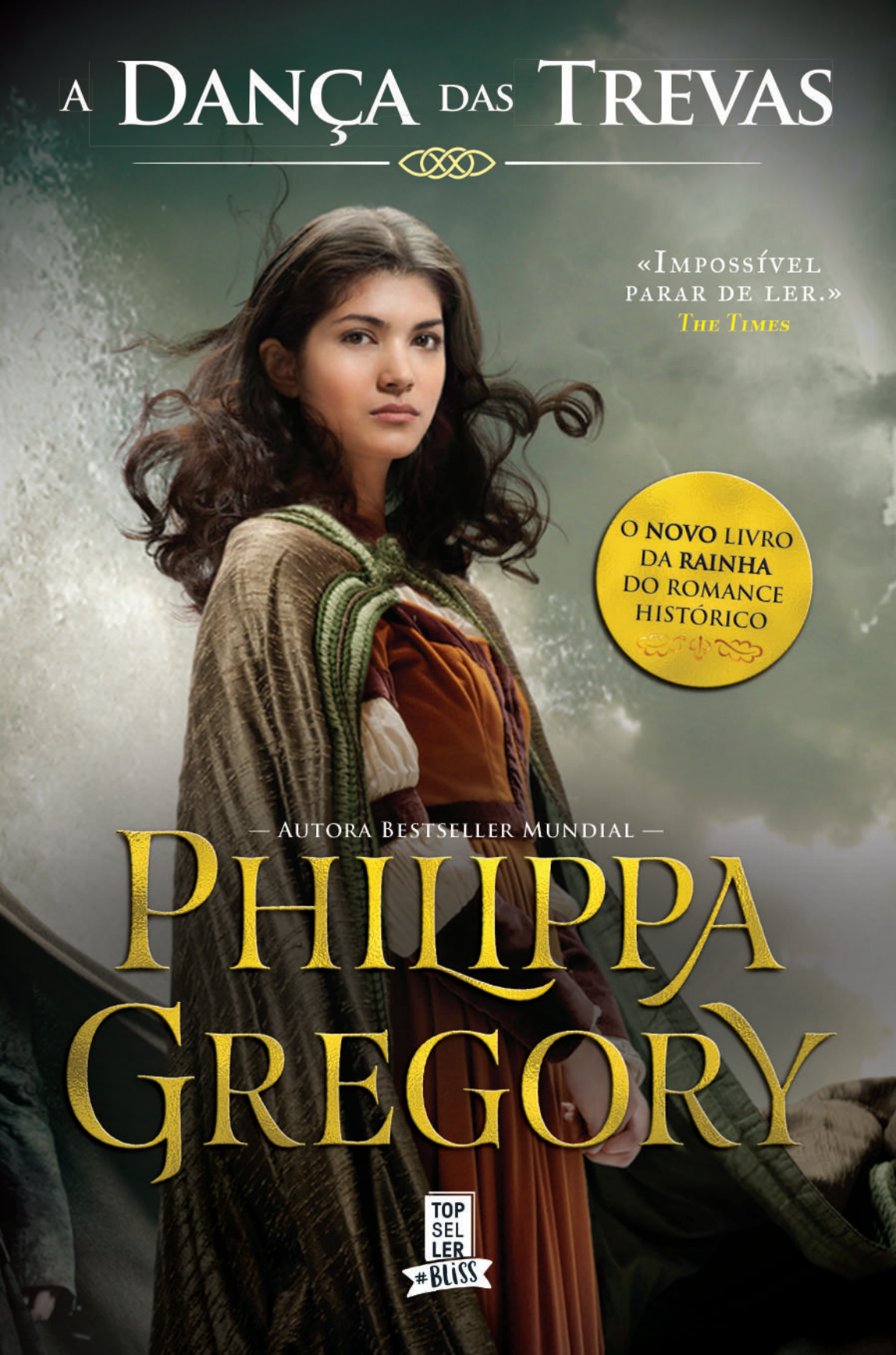
A Dança das Trevas



«Impossível parar de ler.»
The Times

O novo livro da rainha do romance histórico

— Autora Bestseller Mundial —

Philippa Gregory

TOP SELLER #BLISS

Perto de Linz, Áustria,
março de 1461

Ouviu-se um berro irado vindo do casebre do lenhador; a mulher, que voltava do riacho com um pesado balde de água gelada em cada mão, ergueu a cabeça e berrou de volta. Havia algo no tom de voz dela que o enraivecia — ele estava sempre à beira da fúria — e, quando ela pousou um dos baldes na lama diante daquela casa decrépita, a porta de madeira tosca escancarou-se e o lenhador saiu de rompante, com a camisa suja meio aberta e as calças grossas a adejar. Agarrou-a pelo braço livre e deu-lhe uma bofetada na cara com toda a força. Ela cambaleou do golpe, mas retesou o queixo contra a dor e estacou, de cabeça baixa, como um boi que foi espancado.

Ele aproximou a cabeça da dela e berrou, a cuspir saliva na cara impassível da mulher. Largou-a e, impulsivamente,

deu pontapés nos baldes e a água entornou-se na lama; ela teria de voltar ao riacho para ir buscar mais. Ele riu-se, como se a ideia do trabalho inútil dela fosse a única coisa engraçada naquele mundo amargamente difícil. Nisto, a gargalhada esmoreceu ao olhar para a mulher.

Não tinha levado a palma da mão fria à cara esbofeteada, não curvava a cabeça a chorar. Não se encolhia diante dele, nem pegava nos baldes vazios que rolavam na lama. Tinha aberto bem as mãos e agora estalava os dedos ao som de uma batida que só ela conseguia ouvir.

— O que estás a fazer? — indagou ele. — Mulher? Estás louca? O que achas que estás a fazer?

Ela tinha os olhos fechados e era como se não sentisse nada além de um soalho encerado e paredes limpas e caiadas, e o aroma agradável de um celeiro varrido pronto para o baile de São João. Tinha a cabeça inclinada, e era como se estivesse a ouvir uma pandeireta e o som tentador e irresistível de uma rabeca. Ele assistiu, siderado, quando ela levantou a bainha do vestido maltrapilho e o rodou, começando a dançar, bonita como uma rapariga.

— Eu já te dou a dança! — Ele avançou sobre a mulher, mas ela não se encolheu. Deu antes três passos para a esquerda e um pulinho, depois três passos para a direita. Rodopiou como se tivesse um parceiro atento a fazê-la girar. Sem ligar à lama gelada debaixo dos pés descalços, começou a parte da dança em que as mulheres dão a volta à sala, como se tivesse admiradores a observá-la, a cabeça bem erguida, os olhos cegos direcionados aos ramos despidos das árvores e ao céu frio mais acima.

Ele pousou as mãos pesadas nos ombros dela e sentiu-a mexer como se fossem dançar juntos. Tentou arrastá-la para

a cabana, e ela continuava a dançar na direção da porta aberta, mas baixou-se para entrar no interior sujo e tornou a sair dançando. Ele levou o punho atrás com a intenção de a esmurrar até à inconsciência, mas houve algo naquele rosto simples e sorridente que o fez hesitar: sentiu-se subitamente impotente, a mão pendia-lhe ao lado do corpo.

— Ensandeceste — disse ele, duvidando. — Sempre foste louca, mas agora perdeste mesmo o juízo, e hás de ser a nossa ruína.

Liezen, Áustria,
abril de 1461

Um viandante encapuzado guiou o seu cavalo cansado para a estrebaria de uma boa estalagem na vila de Liezen, atirou então as rédeas ao moço que acorreu ao assobio estridente e desceu da sela com um suspiro.

— Está cá alojado algum Luca Vero? — perguntou ao moço, atirando-lhe uma moeda. — E o seu amanuense?

— Porquê, quem deseja saber? — Ouviu-se uma voz quase incorpórea vinda da escuridão do estábulo, e depois um jovem alto, de rosto anguloso e sorridente, com cerca de vinte anos, espreitou por cima da porta da cocheira. Atrás dele, o cavalo apareceu e encostou o focinho ao ombro do jovem, como se quisessem os dois saber quem procurava Luca Vero.

— Trago um recado do seu senhor — respondeu laconicamente o homem. — Tu deves ser o Freize, o criado de Luca?

Freize anuiu curvando a cabeça, ligeiramente admirado por lhe conhecerem o nome.

— Sou, e este é o *Rufino,* o meu cavalo.

Parecia que o animal também curvava a cabeça e mirava o viandante com idêntica e educada curiosidade.

— E vossa mercê, quem é? — perguntou Freize.

— Sou o Irmão Jerome — respondeu o forasteiro, virando-se depois para o moço de estrebaria. — Trata de levar o meu alforge para dentro e arranja-me o melhor quarto vago. Eu durmo sozinho.

— Há quartos vagos — adiantou Freize. — Há espaço que chegue para um homem pernoitar sozinho, se o puder pagar, ou se alguém pagar por ele. E uma mesa comum muito boa. Aqui come-se bem. Eu descobri o prazer dos bolinhos de massa. Vossa mercê conhece? Coma dois e de pouco mais precisará durante várias horas; coma três e vai necessitar de uma sesta. Duvido de que alguém consiga comer quatro. Também devia provar o frango guisado. Fazem cá um petisco com o frango que até há quem venha de Roma só para o provar.

O homem sorriu ligeiramente.

— Não vim cá pelo frango — afirmou. — Nem pelos bolinhos de massa.

— Mas veio de Roma? — Freize quis confirmar.

O forasteiro sorriu, reconheceu que o jovem criado lhe adivinhara a viagem.

— Pois veio de bastante longe para desdenhar um petisco — comentou Freize, sem se deixar desencorajar. — Depreendo que lhe pagam para fazer este caminho todo, e que é então o mensageiro que nos disseram que havia de chegar?

— Sim, venho encontrar-me com Luca Vero, teu amo. Tenho a honra de fazer parte da sua Ordem.

— Tem o mesmo género de trabalho? — Freize puxou gentilmente a orelha do cavalo em jeito de despedida e saiu do estábulo, trancando cuidadosamente a porta atrás de si. — É outro Inquiridor? Também jurou andar por sítios desagradáveis, procurar provas do fim do mundo e sinais do final dos tempos, e ainda sentar-se em juízo, quando tal for necessário, dos pobres loucos que já estão aterrados de morte, e mandar relatório a Monsenhor?

O forasteiro assentiu a esta descrição preconceituosa do seu ofício.

— Faço parte da Ordem das Trevas, que foi encarregada de examinar estes tempos terríveis — disse. — Desde a queda de Constantinopla que o Demónio anda por aqui, caminha pelo mundo todos os dias. Onde quer que eu vá, encontro sempre mais horrores. Onde quer que eu vá, registo-os então para Monsenhor, e ele transmite-os ao próprio Santo Padre. Não há dúvida de que ocorrem cada vez mais eventos e que estão sempre a crescer em estranheza.

— É precisamente o que eu digo! — exclamou Freize, encantado por encontrar alguém que concordasse consigo. — Nem lhe conto o que me aconteceu em Veneza! Alquimistas e riquezas, a destruição de todo o ouro e nem pudemos resgatar o pai do Luca da escravidão; gente muito estranha; clima alterado; até animais esquisitos. E nesta mesma viagem estamos também a ser seguidos, juro que temos sido seguidos, por uma espécie de Ser. Uma coisinha, nunca se deixa ver, mas está lá, vislumbro-a pelo canto do olho, a subir os freios quando vou dar de comer ao cavalo; a esgueirar-se atrás

dos baldes da ração. Nunca come, nunca dorme e de certezinha que não é deste mundo. O que raio será este Ser? E por isso eu perguntei ao meu amigo e amo porque é que não voltávamos para casa e observávamos de lá os eventos. Uma vez que há tanta gente desnaturada neste mundo, e estão sempre a acontecer coisas estranhas, porque é que precisamos de ir à procura delas? Elas que venham ter connosco! Sabe Deus que há, e muitos, eventos maus e desconhecidos a acontecer neste mundo perigoso, sem sequer termos de arranjar sarilhos!

Freize seguia à frente pela arcada de acesso à estalagem, mas o Irmão Jerome discordava:

— O teu amo tem de sair à procura dessas coisas porque é Inquiridor da Ordem das Trevas. É sua função e seu dever ir aonde houver perigo ou mistério, e desvendar tudo.

Freize não estava convencido.

— Mas de que serve tudo isso? O que é que acontece ao relatório?

— Claro que Monsenhor o leva em consideração — respondeu o homem. — É Senhor da nossa Ordem, lê tudo o que lhe enviamos. Se for grave e urgente, ele informa de imediato o Santo Padre, e o próprio Papa estuda depois esse relatório. Quando alinham o relatório do teu amigo com os de todos os outros Inquiridores, ficam a saber...

— É precisamente isso! Ficam a saber o quê? — indagou Freize, a empurrar a porta da estalagem. — Sabem que acontecem dezenas, talvez centenas, de coisas pavorosas em todo o mundo, e nós, coitados, andamos a correr de um lado para o outro a fim de as apanhar quando ocorrem. Como se alguém as quisesse presenciar. Como se qualquer pessoa com os cinco alqueires bem medidos não quisesse fugir na direção contrária!

— Quando alinham todos os relatórios, ficam a saber que esses são os sinais do final dos tempos. Que vem aí o fim do mundo.

Freize hesitou.

— Vossa mercê também acha que sim? — perguntou, ainda na esperança de que a resposta fosse «não». — Acha mesmo que está a acontecer? O fim do mundo?

— É uma certeza — respondeu o homem com ar grave. — Já começou, valha-nos Deus. Começou com a queda de Constantinopla, com os Otomanos infiéis no altar da Igreja do Oriente. Agora temos de recear por nós próprios. Pois, se chegarem ao altar da Igreja do Ocidente, a Roma, a sede do papado, estará tudo acabado para nós. Eu, o teu amo, toda a gente que serve Monsenhor na Ordem, devemos descobrir quando as trevas se vão abater sobre nós. Não é suposição, mas antes de quanto tempo dispomos. Talvez seja já amanhã. — Ele olhou para a cara estarrecida de Freize. — Não te esqueças de orar, pois pode até ser esta noite.

— Uma visita muito alegre que traz notícias das melhores. — Freize anunciou sombriamente a chegada do Irmão Jerome aos restantes companheiros de viagem: Isolde e sua amiga Ishraq. Olhou para os dois rostinhos sorridentes, um louro como os saxões, o outro escuro como os hispânicos. — Aqui vem outro Inquiridor, tal como nos prometeram, caiu

do céu aos trambolhões, veio dar-nos uma missão e avisar-nos do Demónio que anda entre nós — disse ele, soturno. — Como se eu já não tivesse medo que chegue.

— Coitado do Freize — comentou Ishraq para o arreliar, mas depois abraçou-o, chegando mesmo a encostar a cabeça ao seu ombro largo. Ele olhou para o cabelo preto liso, o lenço da cabeça descontraidamente caído para trás, as sobrancelhas pretas arqueadas, as curvas da pele cor de azeitona, e estreitou a cintura dela com o braço.

— Tu és um consolo — admitiu ele. — Pelo menos hei de morrer na companhia de uma moça bonita. — Depois olhou para a loura, Isolde, e fez uma vénia. — Duas moças bonitas.

— O mundo não há de acabar antes do jantar, ao menos focas-te nesse objetivo — salientou Isolde.

— E por certo haverá bolinhos de massa — acrescentou Ishraq.

— Sim, mas ele há de querer que vamos a algum lado — queixou-se Freize. — A um qualquer lugar terrível que estará a resvalar para o inferno, e para descobrir porquê. Eu não quero ir a lado nenhum. Estou fartinho de viagens. Quero voltar para casa.

— Pelo menos tens casa para onde ir — observou Isolde, sentada à janelinha. — Se eu não chegar depressa junto do meu padrinho para reunir um exército, nunca mais conquisto o meu castelo e as minhas terras. Só posso ir convosco se o Inquiridor os mandar para leste, pois é esse o meu caminho. Se as ordens forem noutra direção, teremos de nos separar aqui.

— Eu vou contigo — lembrou-lhe Ishraq, sua amiga de infância. — Seja para onde for.

— Este Inquiridor não me disse nada — continuou Freize. — Só que se queria encontrar com Luca.

— Vamos lá abaixo ver por nós próprios — sugeriu Ishraq.

— Mas deixamos que nos vejam? — Isolde hesitou. — Luca pode não querer que se saiba que viajamos com ele.

— Já toda a gente deve saber — disse Freize alegremente. — Desde que Monsenhor aproveitou Dona Isolde para disfarçar a inquirição em Veneza, todos tomaram conhecimento de que o seu Inquiridor Luca Vero viaja com uma dama e respetiva companhia. O Irmão Jerome, ao entrar no pátio, já sabia o meu nome. Quer-me parecer que Roma inteira sabe que as senhoras viajam comigo, com Luca e com o Irmão Peter, amanuense. Ishraq tem razão: temos de perceber se podemos continuar juntos. Vamos lá ver.

Foi Isolde, enquanto Senhora de Lucretili, a mais alta posição do grupo, que os levou para o salão, onde Luca estava sentado à mesa do jantar com o Irmão Peter e o recém-chegado.

— Podemos sentar-nos convosco? — perguntou ela educadamente a Luca. — Queríamos saber o novo rumo e se os nossos caminhos continuam juntos.

Ele levantou-se logo, o sorriso caloroso e íntimo.

— Mas com certeza — respondeu. — Vossa Senhoria queira entrar e sentar-se, aqui tem a minha cadeira. — Para o forasteiro, disse: — Esta é Dona Isolde, Senhora de Lucretili. Monsenhor informou-o de que viajamos todos juntos?

— Disse que Luca tinha companheiros — respondeu o homem, e levantou-se para fazer uma vénia. — Mas eu não fazia ideia... — O seu olhar perplexo abarcou a belíssima jovem, o toucado cónico bem alto nas pregas enroladas do espesso cabelo louro, o rico vestido de veludo azul-escuro com mangas cortadas à moda a mostrar a seda azul-turquesa por baixo, e o seu porte confiante.

Ishraq apareceu atrás de Isolde.

— Esta é minha amiga e companheira, Ishraq.

Agora o forasteiro encolhia-se e benzia-se, pois nunca tinha visto ninguém como a rapariga diante de si. A pele castanha como a cor de uma bolota, mas completamente lisa, os olhos pretos e contornados a carvão, o cabelo também preto e escondido por baixo de um lenço azul índigo que lhe contornava a cabeça. O que mais o espantava era a sua túnica, como a de uma árabe, e as pantalonas folgadas que ela tinha atado às pernas esbeltas para poder montar. O olhar do forasteiro virou-se quase acusadoramente para Luca.

— Uma infiel? — perguntou. — O Irmão Luca viaja com uma moura?

— Ishraq é uma amiga leal e verdadeira. — Luca começou a defendê-la, mas ela riu-se do homem, mostrando dentinhos brancos e perfeitos.

— Eu não lhe faço mal, Inquiridor — disse Ishraq. — Não é preciso benzer-se só de me ver. Fui educada numa casa cristã por um grande cruzado e sirvo sua filha, a Senhora de Lucretili. — Acenou com a cabeça para Isolde, que mirava desafiadoramente o forasteiro, e avançou para ficar ombro a ombro com a sua amiga de infância. — Estou numa casa cristã desde bebé, mas minha mãe era moura e tenho orgulho no meu património.

— Ainda assim — comentou o Irmão Jerome, chocado.

— Já conheci o vosso Monsenhor, e não fiquei impressionada — continuou a jovem árabe, e o Inquiridor ficou ainda mais agastado com essa ousadia. — Agora que me conheceu, vejo que também não está impressionado, pelo que somos iguais em preconceito. Porém, devo lembrar-lhe que o povo da minha raça comanda agora metade da Cristandade e avança sobre o resto, portanto, se fosse a si, preferia ter-me como amiga a inimiga. Somos perigosos enquanto inimigos, como pode ver. E eu não insultaria ninguém acabado de conhecer.

— O avanço dos Otomanos é um desastre — um dos grandes sinais do fim dos tempos — retrucou o homem. — A queda da nossa sagrada Constantinopla só confirma o fim do mundo, é uma tragédia.

— Para vós — disse ela, categórica. — Do ponto de vista dos Otomanos, está a correr tudo bem. Não é que eu esteja do lado deles. Mas creio que, se o Inquiridor pretende passar a vida em busca de conhecimento, é melhor considerar as coisas de outro ponto de vista.

No silêncio que se seguiu, Luca e Isolde evitaram fitar-se com medo de se rirem alto da expressão chocada do Inquiridor. O Irmão Peter interveio:

— Também eu fiquei admirado quando demos por nós a acompanhar estas duas senhoras — observou. — Conhecemo-nos na estrada após a primeira inquirição, e temos viajado juntos desde então. Claro que eu preferia evitar mulheres, todas as mulheres, mas os nossos caminhos têm confluído, e nem sequer eu, monge com voto de celibato que dedica a vida à nossa Ordem, posso negar que estas jovens excecionais são corajosas no perigo e prestáveis na inquirição. Seja como

for, elas dirigem-se para leste e têm as suas próprias razões para viajar, e Monsenhor autorizou que viajemos juntos até ordem em contrário. Então terei pena de me despedir delas. Talvez o nosso novo rumo nos separe amanhã?

Um breve olhar entre Luca e Isolde mostrou que esperavam continuar juntos. Ishraq sorriu ao Irmão Peter.

— Pois eu espero que não — disse a moura. — Tenho aprendido muito com o irmão. E Luca, como se sente? — Ela virou-se para ele, os olhos brilhantes de malícia. — Tratando-se de um monge ainda mais jovem e com voto de celibato a viajar connosco, ficará contente que nos separemos, ou terá pena de nos perder, como o Irmão Peter?

— Eu sou noviço — disse Luca com dignidade, tranquilo. — Como bem sabe. Ainda não fiz os votos, mas não teria concluído as inquirições sem estas duas senhoras. Tenho uma dívida de gratidão para convosco.

— Se Monsenhor não tiver objeções a que viajem todos juntos, também as não posso ter — reagiu logo o Inquiridor visitante.

— É muito independente da sua parte — comentou Ishraq, sarcástica.

— E já conhece o Freize, nosso factótum — disse Isolde quando Freize abriu a porta mais um pouco e entrou na sala, emergindo de onde tinha estado à escuta.

— Factótum...?

Isolde assentiu com firmeza.

— É como ele prefere que lhe chamem — disse em voz baixa. — Nós admiramo-lo e respeitamos-lhe as preferências.

— Não sou só um criado, compreende? — salientou Freize. — Sou indispensável.

— Somos um grupo variado — admitiu o Irmão Peter. — Mas temos visto cada coisa nesta viagem! Monsenhor tem ficado satisfeito com os relatórios e até nos veio visitar no meio de uma inquirição.

O Irmão Jerome estava impressionado.

— Deveras?! — exclamou. — Porque faria uma coisa dessas?

O Irmão Peter respondeu com modéstia.

— Claro que não sabemos porquê.

— Talvez o Irmão saiba? — perguntou Isolde ao Irmão Jerome. — Foi quando uma galera otomana veio ao porto para conserto e o dono, Radu Bey, insistiu em jantar com Luca. Monsenhor disse que Radu era o maior inimigo da Cristandade. Tentou capturá-lo.

O Irmão Jerome desviou o olhar.

— Não saberia dizer — retorquiu laconicamente. — Ouvi falar do mouro Radu, é o braço-direito do próprio sultão, e um perigo para cada cristão e comunidade cristã no mundo.

— Ele não é mouro — salientou Ishraq. — Tem a pele clara.

— Mas porque é então inimigo particular do Monsenhor da Ordem das Trevas? — instou Isolde.

— Todos os mouros são nossos inimigos — decretou o Inquiridor. — Pois é o seu avanço que assinalara o fim dos tempos. Ora, esse Radu Bey não faz parte da minha inquirição, nem consta das vossas ordens. Não farei especulações sobre ele. — O Irmão Jerome terminou a conversa levando a mão à algibeira e tirando um manuscrito enrolado.

Freize acenou com a cabeça para Luca, como se aquilo confirmasse os seus piores medos.

— Mais ordens seladas — comentou. — *Adieu* ao frango guisado e aos bolinhos de massa.

— Nós gostamos de especular — observou Ishraq em voz melíflua, e Luca dirigiu-lhe um sorriso reprovador.

— Tu partilhas as ordens com todos? — perguntou o Inquiridor, a mirar Luca. O jovem assentiu.

— Sem a perspicácia e competência de todos, teríamos estado perdidos uma e outra vez.

O forasteiro ergueu o sobrolho, como se aquela fosse uma maneira estranhíssima de conduzir uma inquirição, quebrou o lacre e abriu o papel, desenrolando-o em cima da mesa de jantar.

Todos se sentaram. Todos aguardaram.

— Parece haver um surto daquilo a que se chama *doença da dança* — começou ele. — *La maladie de la dance*. Monsenhor pretende que sigam para norte pela estrada velha, e depois para leste ao longo das margens do rio Danúbio. Algures pelo caminho, hão de ouvir falar em dançarinos, pois há um surto naquela zona; eles viajam para jusante, não sei onde se encontram agora, terão de perguntar pelos dançarinos e encontrá-los. Devem travar conhecimento com eles e examiná-los conforme dançam em conjunto. Quem conseguir falar deve ser interrogado individualmente. Deves perguntar ao padre da paróquia se houve algum exorcismo ou reza que tenha dado resultado. Podes experimentar curas. Podes pôr à prova dançarinos individuais se isso te parecer necessário para obter resultados — mas apenas se for gente sem importância cuja morte ou destruição não tenha relevância. Deves dirigir-te ao latifundiário local, Lorde Vargarten, cujo domínio fica a norte do rio, e falar com o bispo para saber se houve outros surtos, qual a causa, como terminou. Deves reportar

a Monsenhor assim que souberes se se trata de um frenesim, envenenamento, loucura, ou algo pior.

— Pior? — perguntou Freize, angustiado. — Em nome dos céus, mas que mundo é esse? O que lhe parece ser pior do que frenesim, envenenamento ou loucura?

— Possessão — respondeu o Irmão Jerome, categórico. — Se tiverem sido invadidos e dominados por demónios. Se forem esses demónios o que os faz dançar.

— Demónios?

— Possivelmente. Sim.

A cara horrorizada de Freize falava por todos.

— Demónios? — repetiu. — Quer que vamos ao encontro de gente que pode estar possuída por demónios?

O homem curvou a cabeça.

— Claro que é função do Inquiridor ver os terrores do mundo e descobrir-lhes a natureza. Tu és livre de decidir que não o queres acompanhar. Isso deve ser entre ele e todos os companheiros.

— Mas ir à procura deles? — perguntou Freize. — E se forem mesmo demónios? E se nos quiserem possuir a nós?

O Inquiridor trocou um sorriso com o Irmão Peter perante a simplicidade do criado.

— Nós não seremos afetados — sentenciou o inquiridor visitante. — Somos homens educados; somos homens da Igreja.

— Então e as raparigas? — indagou Freize.

De imediato, o Inquiridor perdeu a autoconfiança pomposa que até ali demonstrara.

— Ah, isso não sei — disse. — As mulheres são tidas como mais vulneráveis à loucura e a ataques. As suas mentes

são frágeis, têm pouca determinação e não são fortes. Talvez estas jovens devam ficar para trás, para sua própria segurança.

— É o nosso caminho. Podemos seguir o rio Danúbio para leste — disse Isolde secamente. — A viagem que já empreendemos até aqui é prova da nossa determinação e força; e ambas temos educação. Se a instrução salva as pessoas, nós ficaremos bem.

— Não me referia a cantos e lavores — disse o homem, a sorrir para a bonita jovem.

Isolde olhou-o com tal desdém nos olhos azuis que, por um momento, o homem ficou boquiaberto como se tivesse levado um soco.

— Eu também não.

— Dona Isolde foi educada pelo pai, o Senhor de Lucretili, em Itália, para herdar as propriedades e para assumir o seu papel no conselho — explicou Luca. — Foi ela quem governou o castelo e as terras quando ele esteve enfermo. Ela é *midons,* senhor do castelo. Estudou muito mais do que cantos e lavores.

O homem curvou a cabeça.

— Posso inquirir porque não está sua senhoria em casa, a governar as terras em Lucretili?

— Meu irmão roubou-me a herança quando meu pai faleceu e pretendo encontrar o filho de meu padrinho, e pedir-lhe que reúna um exército para recuperar tudo — abreviou Isolde. — Será uma batalha até à morte. Não vou parar pelo caminho para dançar.

— Então e a sua escrava?

— Não sou escrava, sou livre — corrigiu-o Ishraq. — O Senhor de Lucretili deixou-me frequentar as universidades de Espanha e estudei lá.

— As universidades mouriscas admitem mulheres?

— Oh, sim — disse ela com um sorrisinho. — Alguns dos melhores filósofos e cientistas são mulheres.

O Irmão Jerome tentou assentir como se não fosse para si uma notícia perturbadora e inquietante.

— São?

— Eu estudei filosofia, astronomia, geografia e matemática, e treinei para guerreira — disse ela, sorrindo perante o assombro dele. — O Senhor de Lucretili teve a generosidade de me deixar ter ampla instrução. Não devo correr perigo.

O padre curvou a cabeça.

— E eu estou a aprender bastante neste momento. A menina estudou coisas que me estão interditas: livros banidos, conhecimentos heréticos. A própria astronomia é limitada, houve homens que disseram loucuras, heresias... bem, estou a ver que a sua instrução a vai proteger, e a decisão é sua. Mas tenho de a avisar de que pode haver perigo.

— Então e o Freize? — perguntou Isolde. — Sentir-se-á tentado a dançar? Ele é um jovem de grande coragem e iniciativa, mas não tiveste instrução, pois não, Freize? Ele ficará bem?

— Não sei ler — salientou Freize. — Sei apenas fazer o meu nome e contar, e por isso ninguém me pode chamar erudito. Isto quer dizer que vou desatar a dançar quando chegarmos aonde nos dirigimos, valha-nos Deus?

— Não sei — respondeu o Irmão Jerome com franqueza. — É esse o perigo que enfrentas. Não sabemos o que causa a doença da dança, porque começa, ou sequer porque acaba. É esse o motivo da inquirição: descobrir a causa e a cura, para salvar as pessoas da doença e mandá-las para casa.

— Já alguém se curou? — perguntou Luca.

— Claro que muita gente alega ter expulsado demónios, mas parece que a doença da dança começa e acaba sem motivo aparente. Por isso é que nos faz pensar ser um sinal do fim dos tempos. Decerto não pode dar-se o caso de as pessoas meterem na cabeça que vão dançar até morrer. Deve significar alguma coisa. Talvez possam descobrir o porquê de ocorrer. Rezarei por todos vós.

— Eu agradeço as suas rezas — disse Freize, infeliz. — Mas e depois? Depois de dançarmos como loucos?

O Inquiridor levantou a cabeça e permitiu-se um sorriso.

— Depois o teu mestre Luca fará o relatório e eu, ou outro mensageiro, entregaremos a missão seguinte — respondeu. — Entretanto, creio que trazem uma quantidade de ouro de Veneza que pertence a Monsenhor?

— De facto assim é — respondeu o Irmão Peter. — Ficaremos aliviados por nos livrarem desse fardo.

— Pode dar-mo de manhã quando seguirmos caminhos diferentes — disse o Inquiridor. — Eu vou para ocidente. Entregá-lo-ei a outro Inquiridor, que o levará para Roma e o dará ao próprio Monsenhor.

— Ora, quantos Inquiridores existem? — perguntou Ishraq, curiosa.

O homem olhou-a como se ela fosse uma espia inimiga, a tentar arrancar-lhe segredos.

— O bastante para desvendar os perigos que a Cristandade enfrenta e todos os sinais do fim do mundo — respondeu com ar soturno. — Reportam a sublevação dos seus compatriotas e avisam das movimentações das forças otomanas, mais próximas a cada vitória no coração da Cristandade.

Conquistaram Constantinopla, a maior cidade cristã do oriente; ameaçam a Grécia inteira; é indubitável que tencionam conquistar toda a Europa; quando chegarem a Roma, saberemos que será o fim dos tempos, pois está profetizado. Mas nós, guardiães da Cristandade, estamos por toda a parte. Vigiamos em todo o lado. Os Otomanos consideram-se imparáveis, mas nós estamos sempre vigilantes. Observamos e avisamos, inquirimos e reportamos.

— O filho de meu padrinho também luta contra eles — comentou Isolde.

— Quem é?

— O terceiro Conde Vlad da Valáquia — respondeu ela.

Ele curvou a cabeça como que a reconhecer um general poderoso.

— Efetivamente, luta contra eles — confirmou. — Estamos todos de guarda constante.

— Mas eles continuam a avançar — observou Ishraq. O Irmão Gerome assentiu.

— Satanás efetivamente avança — disse. — E o mundo está a acabar.

O Irmão Jerome partiu ao amanhecer, levando o jumento carregado do ouro que se aproveitara do vil metal que haviam comprado em Veneza. Monsenhor ganhara uma fortuna a enganar os Otomanos e o grupinho ficara aliviado por entregar o

lucro e livrar-se desse fardo. O Irmão Peter, em especial, estava contente por ver aquele ouro pelas costas, pois considerava-o o salário do pecado, proveitos de uma jogada imensamente perigosa que apenas Monsenhor compreendera quando os tratara a todos como joguetes: cristãos e otomanos tinham sido peões num tabuleiro.

Luca, Isolde, Ishraq, Freize e o Irmão Peter despediram-se do Irmão Jerome, tomaram depois o pequeno-almoço e encontraram-se no pátio da estrebaria à luz ainda fria e perlada da manhã. Face à bruma matinal, Isolde aconchegou-se no manto e Luca compôs-lhe o capuz sobre o cabelo louro, num gesto atencioso que mostrava a intimidade entre os dois.

— Não posso crer na nossa sorte — disse ele. — Podermos ainda continuar a percorrer os nossos caminhos juntos. E que o próprio Monsenhor tenha mandado que viajemos na companhia um do outro. E assim estamos juntos outra manhã, com mais um dia pela frente.

— Cada dia é também para mim uma dádiva — disse ela em voz baixa.

Atrás deles, Freize selou o cavalo grande que o Irmão Peter montaria. Nem Luca nem Isolde davam por ele, só tinham olhos um para o outro.

— Um dia teremos de nos despedir — avisou Luca. — Só isso pode acontecer. Deves ir ter com o filho de teu padrinho, e eu devo ir para onde Monsenhor mandar. Não sei como enfrentarei esse dia, não o consigo sequer conceber.

Isolde hesitou antes de fazer a pergunta que ganhava cada vez mais importância. Depois falou tão baixo que ele teve de inclinar a cabeça para a ouvir sussurrar.

— Esse dia tem de chegar, Luca? Tens de continuar? Não podes vir comigo e ajudar-me a conquistar o meu castelo e as minhas terras? Não queres vir auxiliar-me?

Ele fez um ar muito sério e abanou a cabeça, os olhos estavam fixos nela.

— Sabes o quanto te quero bem, mas não posso abandonar a minha inquirição. Tenho de obedecer aos votos. Agora sou noviço, mas hei de professar os meus votos. Estou prometido a Deus, e os meus próprios pais concordaram que devo pertencer à Igreja, não posso quebrar a minha obediência para com eles, nem o juramento a Deus. Monsenhor tirou-me do mosteiro para esta missão especial, mas hei de voltar. Entretanto, jurei lealdade à Ordem das Trevas e, tu ouviste o outro Inquiridor, temos trabalho importante a fazer. Talvez o mais importante de todos.

— Já uma vez quebraste os votos — recordou ela.

Como se fosse um estranho sonho erótico, ele rememorou o jardim banhado pelo luar, e a mulher que entrara, mascarada e embuçada, e se lhe entregara em silêncio, nunca dizendo o nome, pelo que ele não sabia a quem beijara, a quem amara nessa única noite mágica. Mesmo agora, dias depois dessa aurora sobrenatural em que ela partira sem falar, ele não sabia quem era, e Isolde disse-lhe que ela, Ishraq e outra mulher tinham estado no jardim, e entre si haviam jurado que ele nunca saberia.

— Eu não devia ter pecado — disse ele em voz baixa. — Quem foi que me visitou naquela noite tem ascendência sobre mim para sempre, como minha primeira amante. Mas tu disseste-me no dia seguinte que eu nunca saberia quem era ou quem entrou no jardim. Não foi um compromisso no mundo real,

mas sim uma noite de amor isolada, não para ser lembrada, e nunca para ser falada. Tu própria me disseste que nunca esquecesse, mas também que nunca procurasse a mulher.

— Nunca saberás — confirmou ela. — E não falaremos disso. Mas não vês que foste contra os teus votos nessa noite? Fosse quem fosse que esteve contigo, o voto de celibato dissolveu-se. Isso não te liberta do juramento?

Ele abanou a cabeça, mas ela insistiu.

— E se eu recuperar a minha herança? Podíamos ter uma vida muito diferente. Juntos. No meu castelo. — Ela estava quase a oferecer-se a Luca, e ele viu-a enrubescer do pescoço ao queixo e às faces. — Eu seria rica — sussurrou ela. — Seria novamente Senhora de Lucretili, e tu podias ser o novo senhor do castelo.

— Fui contra os meus votos num momento de pecado, quando estava sozinho ao luar e inebriado de desejo por ti; mas isso não me liberta dos votos — disse Luca, inabalável. — Faz de mim um péssimo noviço, faz de mim até um fracasso e um pecador, mas não me liberta. Mesmo que eu fosse livre, tu não poderias casar-te com um homem que seja menos do que senhor ou príncipe. Isolde, minha amada, eu não sou ninguém! Sou filho de um pequeno lavrador, inquilino de um grande senhor, nem sequer latifundiário e, pior, talvez nem seja filho de meus pais. Posso ser filho de qualquer um, de qualquer lugar. As pessoas diziam-me na cara que eu era nascido das fadas, e aos meus próprios pais também. A minha mãe não o conseguia negar e, agora que foram os dois vendidos como escravos, quem me dará nome? Ninguém sabe quem sou. Na sua ira, o meu próprio pai renegou-me; disse que não sou seu filho!

— Teu pai foi escravizado contra sua vontade pelos Otomanos! — exclamou Isolde. — Renegou-te motivado pela ira. Agora está escravizado, mas eu sei que hás de alforriá-lo. Também encontrarás e libertarás tua mãe. Eles não te vão renegar. Ninguém te chamaria nascido das fadas se estivesses a meu lado e fosses Senhor de Lucretili.

Ele sentia-se profundamente tentado por ela e pela vida que lhe oferecia, mas fez uma prece e abanou a cabeça.

— Não podes pôr um bastardo qualquer no lugar do senhor em Lucretili — afirmou Luca. — Seria uma vergonha, Isolde de Lucretili. Seria inclusive uma vergonha para a memória de teu pai; ele era um grande cruzado. Até eu passaria vergonha por causar a tua desgraça. Nunca ninguém te perdoaria por degradares a tua estirpe e o teu nome, e eu também nunca me perdoaria.

Era verdade, Isolde não podia discordar.

— Eu sei — disse, muito infeliz. — Creio que sei disso. Tens razão, claro. Mas o que havemos de fazer? Separamo-nos simplesmente, quando os nossos caminhos divergirem? Encontrámo-nos: temos mesmo de nos deixar, como se não significássemos nada um para o outro? Se nascemos para estar juntos, não é isso mais importante do que qualquer outra coisa?

— Queres que ponha os arreios nos outros cavalos? — perguntou Freize, a interrompê-los alegremente. — Pedi na cozinha que nos dessem um alforge com comida e bebida. Sabe Deus onde estaremos à hora de jantar.

Ishraq saiu da estalagem com os pesados alforges e riu-se dele.

— Pelo menos não passamos fome, sendo tu a organizar a expedição, Freize.

Isolde e Luca separaram-se quando Ishraq entrou no celeiro ao lado da cocheira, onde estava a ração dos cavalos, para ir buscar o freio da sua montada. Passou-o por cima dos ombros e viu algo a mexer-se atrás dos alqueires, nas traseiras do celeiro. Algo pequeno como uma criança; rápido como uma criança.

De imediato, agachou-se em posição de combate, a faca tirada da bota, a mão estendida para se equilibrar, preparada para sarilhos.

— Quem está aí?

Ouviu-se ruído, depois uma portinhola nas traseiras abriu-se e fechou-se, e fez-se silêncio. Freize entrou no celeiro para ir buscar os arreios e viu Ishraq endireitar-se.

— O que foi? — perguntou ele. — Viste alguma coisa?

— Pensei que havia ali alguém. Escondido.

— Continua lá?

— Creio que já se foi. Saiu a porta como um raio. — Ishraq guardou a adaga na bainha que tinha na bota, foi à porta das traseiras e abriu-a. Do lado de fora havia um cercado e um pomar, alguns gansos brancos e gordos debicavam as ervas. Não se via ninguém.

— Também já tinhas visto alguma coisa? — perguntou ela a Freize ao fechar a porta, voltando ao celeiro. Ele assentiu.

— Durante toda esta viagem. Estou sempre a pensar que vejo alguém ou que ouço alguma coisa.

— Mas, Freize, isto era estranho. Muito pequeno, não parecia maior que uma cria de urso, mas mexia-se rapidamente e era furtivo como um gato.

Ele assentiu.

— Do tamanho de uma criança.

QUE MISTÉRIO SE ESCONDE NA DANÇA MALDITA QUE FAZ DANÇAR ATÉ À EXAUSTÃO?

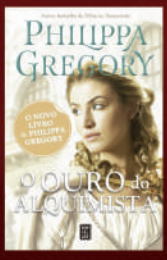
Luca Vero, membro da Ordem das Trevas, foi enviado pelo Papa para investigar os sinais do final dos tempos. Juntamente com a amada Isolde, o servo Freize, o irmão Peter e a confidente Ishraq, Luca vai percorrendo os perigosos caminhos de uma Europa em plena Idade Média, repleta de mitos e segredos sombrios.

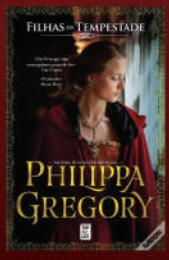
Desconhecendo os verdadeiros perigos que enfrentam, Luca e o seu grupo acabam encurralados numa pequena aldeia. Ali, quase à beira da loucura e possuídos por uma epidemia demoníaca, os habitantes dançam sem conseguirem parar.

Luca e os seus companheiros unem-se, então, em busca das causas e da cura para a *doença da dança*. Mas quando Isolde desaparece sem deixar rasto, é claro para todos que o maior dos perigos não se esconde entre os dançarinos...

Uma incrível jornada pelo mundo das lendas medievais.
Uma emocionante demanda pelos segredos da Ordem das Trevas.

LÊ TAMBÉM:





TOPSELLER
os livros em primeiro lugar
20|20 editora

ISBN 978-989-707-711-1

Romance Histórico